

## Discurso de Posse na Academia Maranhense de Letras

*Francisco Marialva Mont'Alverne Frota*

Na busca do meu tempo reencontrado, na montante do rio em que bracejei na travessia do meu caminho, nas encostas que subo ferindo os pés, posso vos dizer com a alma aberta de júbilo: é amassando o barro do dever do meu ofício que sinto o festival da primavera interior, banhando-me no luaréu radioso da paz da consciência. É assim que me sinto inteiro. É assim que me ponho na comunidade a que pertenço. É assim que me vejo homem e cidadão. É assim que me quero sempre, para todo o sempre.

Sem radicalidade prospectiva, sem angústia interior, nesta altura da vida, já quase me tomando um cinqüentão, permitais que vos diga, diante da falácia do ciclo geracional, que mais tempo já vivi do que me resta por viver. Mesmo assim, é inafastável do meu ser o realismo mágico da fantasia, o sortilégio da utopia, as imagens talismânicas e os sonhos de alto cimo. É esse o ouro aluvional que extraio do coração para combustão do manso viver nesta província amada.

Do cimo desta tribuna, senhores acadêmicos, permitais que vos diga: foi a indulgência de não poucos amigos que me fez bater à vossa porta sem atender para a pouquidão de meus méritos. Reduzida é a seara que vos trago e, mesmo assim, me vejo alçado ao encanto do vosso convívio pelos votos dos que me elegeram para *a Casa de Antônio Lobo*. Foi graça de Deus, bênção dos homens no fuso do meu destino.

Nas academias, a vaga é sempre ocupada no ritmo pendular do processo eleitoral, quer através da disputa de dois ou mais candidatos, quer através de candidato único. A eleição nem sempre é julgamento, pode ser escolha, desde que para isso concorra

merecimento ou circunstância. Comovido com a distinção do vosso acolhimento magnânimo, colho esta rosa de humildade no jardim de Aloísio de Castro para apresentá-la como oferenda nesta noite: [...] *estou a dizer em mim que muitas vezes podem as circunstâncias o que noutra pôde o merecimento.*

Ao transpor vosso átrio, agradecido me confesso a tantos de vós que, conhecendo o trigo do meu campo, me quiseram como confrade pelo generoso estímulo do voto concedido. Agradeço aos poucos que me negaram o voto, inclinando-se por critérios que não pude preencher. Mas, se me negaram o voto, logo em contrapartida me deram prova de dobrada estima, quando me presentearam com a rica lição de reduzir o ouriçar da pele da vaidade do eleito, de resto, tão comum no homem, sempre e sempre, bicho da terra ... Mas, espero em Deus, de todos receber a cálida amizade em troca da vera estima, em duradouro e fecundo convívio acadêmico.

Que vossa obra ilustre, de ressonância na alma do povo, me anime a me transformar, da promessa que tenho sido até agora, em fecunda realização que poderei ser, no penhor de vossa robusta companhia. Hei, tendes certeza, de seguir vossa marca, pois que vim para somar. Aqui me tendes, senhores acadêmicos, com a inabdicável devoção ao Maranhão, terra que escolhi porque quis para amá-la, para servi-la, sem dela me servir, o que muito me honra.

Recordo a memória de muitos amigos que me queriam há mais tempo na Academia Maranhense de Letras, pois sempre contei, mercê de Deus, com o crescente estímulo de um expressivo grupo de membros que já partiram desta Casa. Reuno minhas saudades no inesquecível nome de Luiz de Moraes Rego, que neste salão fez a apresentação de um dos meus livros, lendo instigante texto que depois reuniu na unidade do seu trabalho *Cultura e Educação*. Ao me despedir do Professor Luiz Rego naquela noite, disse-me ele que estava tão feliz com o evento literário quanto o autor do livro lançado. Pressenti, naquele gesto de marcante cordialidade do mestre maranhense, velada urgência

em presidir ao ato com o prestígio do seu nome e o peso do cargo de presidente desta Casa, que então detinha, talvez tomado do temor de depois não estar presente nesta sessão solene de investidura acadêmica para me dizer: *Venha meu caro, que nós o esperamos.*

De outros ventos desejo falar. Refiro-me aos que estão fora do núcleo integrativo do quadro titular desta Corporação. É difícil desfiar a nominata daqueles amigos que me vêm envolvendo na lã da fraternidade maranhense. Em um só nome reaglutino os muitos outros a que tanto devo em estima, estímulo e admiração - Nauro Machado - sino sem racha, coluna de fogo do mundo dilemático de São Luís.

Desejo pedir-vos que me permitais ainda uns momentos para prolongar o fluxo de caras recordações que crescem como torrentes de enternecimento e se espairam como marulho de saudade. Lembro minha mãe, que partiu me deixando jovem rapaz, se transformando em estrela da saudade - doce darão alumando as veredas do filho. Meu velho pai, arraigado a Sobral, estará contando para os amigos, com o olho em brasa, a notícia desta festa que agora acontece, imaginando de lá assisti-la, por lhe pertencer também.

Ah! Divido as alegrias desta noite com minha mulher, a cujo amor devo a inspiração do que faço. Ela, o meu alento. Nela, a fonte do que sou. No verde dos seus olhos, o meu destino. No amor das filhas, a alegria de viver. Na confluência das vertentes do afeto da mulher e no desvelo das filhas corre o rio nutrício do meu ser.

## **Rio do Tempo**

Doce água do Acaraú, mar salgado do Itaqui, onde me vi menino, mergulhando na busca dos sonhos da juventude e onde me fiz homem, suando o rosto no labor do meu mister. Tempo do

meu percurso que se estende pelo cordão azul da Ibiapaba, desde a Ribeira até a Ilha. Caminhei sob o sol escaldante da terra ardente de Sobral para depois subir rampas e contemplar telhados em São Luís.

Houve tempo de semear nas madrugadas para as colheitas de dia claro. Cedo ouvi nos corredores da Betânia as litânicas do canto gregoriano, os versos do Mantuano e o eco da eloquência tribunícia de Cícero nas vozes dos padres-mestres. Alimentava-se o corpo com frugal refeição, robustecia-se o espírito com as leituras *da Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*, de Frei Luis de Sousa, e das *Viagens na minha terra*, de Almeida Garret. Deitava-se cedo ao som do Miserere e acordava-se manhã nova, cantando *Te Deum laudamus*. O latim era nossa língua. Os Clássicos franceses e portugueses eram velhos amigos de prolongadas releituras.

Debaixo dos caramanchões dos jasmineiros, no jardim do Mosteiro de minha avó, Maria Marphisa Mont'Alveme, de calças curtas, li o Eça de Queiroz, esquecido das horas, atraído pela prosa de carântulas do mestre português e pela trama que urdiu em seus romances, que naquela idade se tomavam mais fascinantes. Ainda agora, quando retomo às páginas sedutoras daquela orquestração verbal do escritor, logo me reaproprio da impressão inaugural que me causou a leitura e constato que, em cardumes, chegam à tona da memória múltiplas recordações, que se atropelam em planos superpostos, permitindo, no fluxo atemporal, me rever menino, ao mesmo tempo em que, reiluminado pelas luzes que convergem para essa festa do recordar interior, identifico nomes de ruas, largos e recortes de paisagens portuguesas que vi tão semelhantes na *Praia Grande*, no *Largo do Ribeirão*, no *Largo dos Amores*, no *Campo do Ourique* e na azulejaria colorida, dispersa na volumetria dos sobradões de São Luís do Maranhão - cidade singularmente luso-brasileira.

Andei com meu destino em Fortaleza, capital do meu pátrio Ceará. Subi a escadaria da Faculdade de Direito, sobraçando as *Lições de Filosofia do Direito*, de Giorgio del Vechio, e a *Teoria Geral do Estado*, de Hans Kelsen. Lá, assisti à defesa de tese de

Paulo Bonavides, de quem fui aluno nos cursos do bacharelato e de pós-graduação. Anos depois, traria eu o publicista renomado para proferir conferência no Instituto dos Advogados do Maranhão, em sessão realizada nesta Casa, onde o recebi do alto desta tribuna. Foi período de estudo intenso, aprendendo as lições dos dedicados mestres cearenses, as quais se ampliavam em erudição, luxo das citações e enfoques, jurisprudências nas páginas da excelente Revista da Faculdade e nas monografias que editaram com o aplauso do acolhimento nacional em editoras especializadas e no prelo da Universidade Federal do Ceará. Às vezes, tomado de nostalgia, à feição dos monges goliardos, toco as lombadas desses livros na esperança de obter a fugaz aproximação do tempo passado e a recordação dos autores: *Delito de Matar*, de Olavo Oliveira; *Sucessão Legítima*, de Dolor Barreira; *De Iurisprudenciae Definitione Vlpiana*, de José Sobreira de Amorim; *Direito Comercial*, de Fran Martins; *Absolvição Sumária e Impronúncia*, de Clodoaldo Pinto; *Do Estado Liberal ao Estado Social*, de Paulo Bonavides, e *Introdução ao Direito Internacionnl Privado*, de Manoel Albano Amora.

Com o canudo de bacharel, integrei-me à consultoria jurídica da Inspetoria Fiscal do Porto de Mucuripe e, depois, sucessivamente, na Companhia Docas do Ceará e Companhia Docas do Maranhão. Inclinado ao magistério, me tornei o decano da Universidade Vale do Acaraú de Sobral, ao iniciar o Curso de Direito Público, ministrado no mesmo prédio em que fui estudante. No Maranhão, com grande responsabilidade e maior temor, sucedi, por via concursal, ao Ministro Carlos Madeira no magistério de Direito Administrativo, na Escola de Administração do Estado, onde ele é lembrado, sempre, como professor de conceito claro, frase concisa e visão globalizante da disciplina.

Na ocupação do meu território mental o apelo aos livros tem atração mágica. Sempre vivi cercado de livros e neles tenho suave e prestante companhia. Adquiri-los é hábito compulsivo. Compulsá-los é uma festa. Não emprestá-los é dever feito de devoção. Encontrei em São Jerônimo, na *Carta a Rústico*, do ano de 411, uma frase que resume meu convívio com os livros: *Nunquam*

*de manu et oculis tuis recedat liber* (que nunca o livro fique longe de tua mão e de teus olhos). Devo a um homem de alta ciência, lingüística eminente, meu velho professor Padre Osvaldo Chaves, a redução e adaptação da citada frase de São Jerônimo para meu ex-libris: *Nunquam de oculis recedant* (Que nunca fiquem longe de teus olhos.).

Na messe do meu viver, a vocação de escritor, que procuro conciliar com os encargos funcionais, é o pão de que se nutre meu espírito. Poucos são os frutos, esquiva minha participação, mas nem por isso alheios ou menos voltados aos elevados propósitos que animam esta Academia. Mesmo assim, senhores acadêmicos, agradeço a vitaliciedade de vosso convívio, alcançada pelos votos que me elegeram.

## **O Patrono**

Com inegável pendor para o estudo das intrincadas questões lingüísticas, Rubem Ribeiro de Almeida, fundador da Cadeira n.º 29, escolheu o nome de Filipe Franco de Sá para patrono, com clara intenção de homenagear mais o glotólogo que o advogado de banca festejada, que o jornalista de pena lúcida, que o estadista de ativa participação em três gabinetes do parlamentarismo imperial.

De velho sangue maranhense, Filipe Franco de Sá integrou o patriciado de Alcântara. Era filho do Senador Joaquim Mariano Franco de Sá, e neto do Senador Antônio Pedro da Costa Ferreira, Barão de Pindaré. Nasceu no Rio de Janeiro a 2 de julho de 1841, mas essa condição não lhe tirou o título de maranhense ilustre, pelo sangue que lhe corria nas veias pelos costados paterno e materno, e, sobretudo, pela vontade deliberada de querer ser sempre maranhense, na província ou na corte.

Na mocidade, na fase acadêmica, a vida de Filipe Franco de Sá repete os caminho já percorridos pelo pai. Fácil também se identificar a vinculação de amizade, de pai e filho, com cearenses.

Joaquim Mariano Franco de Sá recebe a carta de bacharel em Olinda, em 1832, integrando a primeira turma que se diplomou no velho prédio do Mosteiro de São Bento. Foi colega do meu conterrâneo Jerônimo Martiniano Figueira de Melo que, em 1842, veio a ser Presidente da Província do Maranhão. Filipe Franco de Sá concluiu o bacharelado em 1864, na Faculdade de Direito do Recife, onde foi colega do Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly oligarca do Ceará.

De volta ao Maranhão, Filipe Franco de Sá exercita sua pena de jornalista como redator do *Publicador Maranhense*, conciliando essa atividade com a faina de promotor, onde o alcançou o rumoroso caso das cédulas falsas, depois de dar provas inequívocas de caráter altaneiro e de independência profissional como membro do Ministério Público. O Gabinete Conservador de Itaboraí, através do Ministro da Justiça José de Alencar, para atender a interesse regional do corrilho de correligionários, força a demissão do jovem promotor, pressionando o Desembargador Manoel Cerqueira Pinto, que estava no exercício da Presidência da Província, sob a alegativa tendenciosa de que Filipe Franco de Sá negligenciava seu dever, não recorrendo do despacho que despronunciou os acusados. O assédio da politicalha provinciana é pertinaz e, diante dos insucesso na primeira investida, tenta mais uma vez cevar o ódio, pleiteando a demissão do promotor junto ao Presidente Ambrósio Leitão da Cunha, que também resiste em consumir a injustiça, em se transformar em instrumento dos conservadores da província e da corte. Os dois presidentes da Província abonaram a conduta irrepreensível de Filipe Franco de Sá e deram exemplo vigoroso para seus sucessores, quando resistiram, de imediato, em atender ao pedido caviloso e injusto. Estavam atentos ao grito de alerta do Padre Antônio Vieira: *A peste do governo é a irresolução*. (Cf, Sermão de São Pedro, pregado em Lisboa no ano de 1644), Filipe Franco de Sá, depois de tais provas de confiança, pede demissão do cargo, voltando-se para a advocacia e para as atividades de redator do *Liberal*. Ganha força, Firma o nome, Torna-se líder político incontestado no Maranhão para depois chegar a Deputado Geral, em 1877, em cujo exercício

parlamentar permaneceu até 82, interrompendo seu mandato para disputar a cadeira senatorial, vaga com a morte de Cândido Mendes de Almeida.

Ao contrário do pai, que teve rápida participação no Senado Imperial, de 1849 a 51, Filipe Franco de Sá, após vencer Gomes de Castro e Silva Maia, em acirrado prélio eleitoral, chegaria ao Senado em 1882, só interrompendo sua ativa participação com a queda das instituições monárquicas, que o alcançou em Nice. Ocupou a Pasta dos Estrangeiros, em 82, no Gabinete Martinho de Campos. No de Lafayete, em 84, exerceu a pasta da Guerra sucedendo ao sobralense Rodrigues Júnior. No Gabinete Souza Dantas, ainda em 84, tomou-se titular da Pasta do Império, com a subida de Ouro Preto, foi guindado para o Conselho de Estado, Apesar dessa ascendente carreira de estadista, a notoriedade de Filipe Franco de Sá chega até nós mais como cultor da língua, como autor do livro *A Língua Portuguesa (dificuldades e dúvidas)*, editado em 1915, às expensas do Governo do Estado do Maranhão, por inspiração do deputado provincial Luso Torres. A publicação do livro se arrastou pelos governos Luís Domingues e Herculano Parga, sob a diligente supervisão de Fran Paxeco, que não desanimou em superar grandes obstáculos. O livro traz estudo consagrador de Cândido de Figueiredo, No início, o gramático português acentua: *Mas o que muita gente de certo ignora é que o velho estadista e parlamentar era um doutíssimo lingüística, que, sendo do Maranhão, tem direito a que o agrupemos na brilhante plêiade daqueles maranhenses que se chamavam Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, João Lisboa, Odorico Mendes...* Esse estudo de Cândido de Figueiredo foi inicialmente estampado no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, e depois reproduzido, como proêmio, no livro de Filipe Franco de Sá por empenho de Fran Paxeco. Embora reconhecendo os elevados méritos do filósofo maranhense, cândido de Figueiredo salienta os pontos de divergência da obra. Destaca que a erudição é superior à dureza expositiva do autor de *A Língua Portuguesa*. Diverge do “cômputo ditongal do ilustrado maranhense”, que excluiu do grupo dos ditongos orais o *ou*, julgando inaceitável a justificativa apresentada pelo autor. Eis



o motivo da discrepância: *Franco de Sá faz lucidamente a história e a crítica dos ditongos, e conclui por aceitar, como ditongos orais, todos os que eu aceitei, menos um, que é ou. Entende ele que ou, pronunciando-se como a simples sílaba ô, deixou de ser ditongo. creio, porém, que, em muitas palavras, na linguagem de muita gente ainda soam as duas letras: em louvar, por exemplo.* Em outro passo do estudo, o gramático ultramarino reage à afirmativa do sábio maranhense de que existe em português um só ditongo móvel, *que se forma pela inserção de um i eufônico onde se dá o encontro de é com o ou a*, outro ponto que é objeto da análise de Cândido Figueiredo é a questão fonética e morfológica da alternância do ditongo **ou** por **oi** e vice-versa, tratada por Filipe Franco de Sá em seu livro erudito, *Não aceita a solução apresentada pelo maranhense, segundo a qual se deve manter ou, quando corresponda a au no etimo latino: ouro, touro, mouro, etc. (latim aurum taurum maurum, etc), e que se deve manter oi nas palavras do etimo diferente: oito, noite, biscoito, coiro, doiro, cenoira, tesoira ...*, pois que, neste caso, o **i** corresponde ao **c** do grupo latino **c t**, (**octo, noctem coctum**, etc.), ou é determinado por simples metátese ou deslocação do **i** da fonte latina (**durium, tonsória corium**). Ambos navegam no alto-mar da glotologia.

No Prefácio da edição póstuma de *A Língua Portuguesa*, Filipe Franco de Sá esclarece a razão que o levou a escrever o livro: *Inteiramente retirado da vida pública, reduzido, pelas circunstâncias, a ócio forçado, e não podendo, pela idade e pouca saúde, empreender trabalho de maior monta, pareceu-nos que seria bom serviço aos estudiosos da língua nacional aproveitar aqueles estudos e completá-los, dando-se a lume em um livro de utilidade prática. De anos a esta parte, a ciência glotológica tem-se vulgarizado entre nós, introduzindo-se até com demasia nos compêndios escolares; mas não tem aumentado, na maior parte dos nossos escritores, o zelo da vernaculidade e correção da linguagem, do que ainda recentemente ouvi claro testemunho na redação do projeto do nosso Código Civil e na discussão que ocasionou. Foi, pois, nosso intuito, como o nosso título indica, não escrever um tratado científico, mas tão-somente estudar as partes em que pudesse en-*

*contrar incertezas quem quisesse aprender, como diziam os velhos gramáticos, a falar e escrever corretamente.* Em outro passo, o estadista maranhense, sem esquecer os tempos da oratória política, molha sua pena de gramático eminente em fina ironia, transcrevendo longa citação de Quintiliano, cujo tópico final repito; *Não faz dano esta disciplina aos que por ela passam, mas somente aos que não passam dela.*

É a sombra de Filipe Franco de Sá, como lingüística, que deverá motivar, no Maranhão, os altos estudos da Língua Portuguesa.

## O Fundador

Ruben Ribeiro de Almeida foi a última encarnação de mestre de província entre nós. A necessidade interior de viver no seu **habitat**, na paisagem maranhense, de respirar o ar de São Luís, de banhar-se na branda luz desta cidade, longe de ser um exercício mortificante de renúncia a seus caros ideais, como podem admitir alguns que o viam talhado para atingir dimensão nacional, pela beleza do porto varonil e pela força do talento, foi para Ruben Almeida uma forma tonificante de viver os sonhos acalentados. Não se conhece dele frase de amargura que traduzisse descontentamento interior ou retratasse sentimento frustratório de mutilação vocacional. A meu ver, o mistério encantatório de sua vida resumia-se na alegria que tinha em viver na sua província, no prazer consciente que desfrutava em viver a vida em São Luís. E aqui sempre viveu entre seu povo, entre os muitos alunos que teve a vida inteira. Carregou, pelas mas de São Luís, sua vocação de professor, estreitando-se no orçamento de pouca pecúnia, sem revolta ou queixume, e, o que muito mais lhe honra, sem atirar o turíbulo da bajulação aos poderosos.

Assistiu crescer ao redor de seu nome, nos tempos da velhice, o mito criado por aqueles que mal o conheceram ou não o conheceram, cercando-o num auréola de exageros evidentes e

que, longe de constituir preito de homenagem, tem sido um desserviço permanente ao seu nome e à sua obra, criando dificuldades a quem pretenda, com rigor e justiça, traçar-lhe o perfil de homem de letras, de estudioso. É necessário remover essa camada postiça do verniz louvaminheiro, do conceito fanático, do equívoco do julgamento para fazer surgir, na justa proporção do tempo e do mérito, o perfil do historiador devotado ao Maranhão, que dispersou nas salas de aula muito do que sabia e não pôde escrever. Essa deformação latente e esse entusiasmo ruidoso, que o transformaram em avatar polimorfo, em horizonte messiânico, em pronto achado de magia talmatúrgica para dúvidas levantadas, têm colocado na penumbra o estudioso da língua, com hábito de se abeberar na fonte dos clássicos. É necessário revelar Ruben Almeida na grandeza do que foi, na honra de que viveu, livre das caracas e musgos de um mito inconsistente e de todo desnecessário para engrandecer sua obra, que tem valimento independentemente do falso pedestal.

Ruben Almeida foi professor a vida inteira. por três gerações semeou sua palavra de mestre em diversos estabelecimentos de ensino particular e público de São Luís, transferindo para esse mister magisterial muito do que poderia. Haver dedicado à pesquisa científica e à elaboração de livros. Não há colégio nesta cidade que lhe não tenha ouvido a voz de mestre experimentado: *Maria Auxiliadora, Oscar Barros, Cisne, Instituto Viveiros, Minerva, Rosa Castro, Centro Caixerai e Liceu Maranhense*. O seu magistério ganharia maior repercussão na Faculdade de Filosofia de São Luís e na Faculdade de Direito, onde se tomou professor concursado. A louvação dessas conquistas foi, talvez, o ponto inicial do mito que envolveu o nome consagrado de Ruben Almeida.

Os concursos para obtenção das cátedras do magistério do *Liceu Maranhense* despertavam as atenções da pacata São Luís. Esse entusiasmo provinciano deitava raízes na tradição coimbrã das defesas de teses, cuja banca examinadora tinha deliberado propósito de expor os candidatos ao excessivo rigor das cutiladas do interrogatório, produzindo-lhes uma angústia que crescia pela

presença da congregação, dos alunos e dos familiares. O exemplo mais veemente entre nós foi o de Tobias Barreto na Faculdade de Direito do Recife. O concurso dava prestígio ao ensino. No Ceará não foi diferente. O Padre Antônio Xisto Albano, que depois seria Bispo do Maranhão, ao chegar em Fortaleza, laureado com curso de especialização em Lisboa e Paris, se submete ao concurso de catedrático do *Liceu do Ceará*. Em São Luís, ainda hoje, decorridos mais de 50 anos do concurso em que se enfrentaram, para a conquista da Cátedra de Português no *Liceu Maranhense*, Ruben Almeida e Mata Roma, se ouve a ressonância do entusiasmo da mocidade, guardada nas páginas das reminiscências. Ruben Almeida apresentou a tese *Raízes e radicais gregos existentes no Português*, e Mata Roma, filho de Chapadinha, já com o nome firmado como professor, trazia *A Questão do porquê* como dissertação. A mesa examinadora era composta de Alfredo de Assis Castro, Crepory Franco, Padre Francisco Godinho e Osório Anchieta. A torcida da juventude era aguerrida. De um lado, os alunos do *Instituto Viveiros*, torcendo por Mata Roma, e de outro, os liceístas, vibrando por Ruben Almeida. Ambos foram aprovados. Mário Meireles, aluno do *Instituto Viveiros*, era ardoroso defensor de Mata Roma; Josué Monteno, integrante do *Cenáculo Graça Aranha*, batia-se por Ruben Almeida. O romancista de *Os Tambores de São Luís* recorda uma manifestação que Ruben Almeida recebeu no Largo do Carmo, ao pé da estátua de João Lisboa. Não posso deixar de referir nesta noite a coincidência que me vincula a Ruben Almeida e a Mata Roma. No Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão sucedi a Mata Roma, fundador da Cadeira n.º 48, patroneada por Sotero dos Reis; na Academia Maranhense de Letras, vou ocupar a Cadeira n.º 29, fundada por Ruben Almeida, sob o patronato de Filipe Franco de Sá. Estava traçada no meu destino a convivência no acampamento de gramáticos e lingüistas que tanto ilustraram o Maranhão.

Na vida de Ruben Almeida, a vertente da atividade jornalística, que soube conciliar na plenificação de sua personalidade com o exercício do professorado, é manancial que está à disposição de quem pretende mergulhar nas fontes das velhas

páginas de *O Jornal*, *A Pacotilha*, *O Combate*, *A Folha do Povo*, *Diário do Maranhão*, *A Tribuna*, *O Diário de São Luís* e *O Imparcial*. Por mais de uma vez encontrei com Ruben Almeida subindo a escadaria de *O Imparcial*, arrimado ao corrimão, para deixar seu artigo, revisar sua página, estalando as palavras no céu da boca, com voz de água cantante. A esse tempo andava ele empolgado com a idéia de descrever os importantes sobradões de São Luís, registrar os nomes de seus proprietários, descrever a arquitetura de cada um deles. E tenho a impressão de que o melhor de sua prosa erudita, que denuncia o leitor incansável que ele foi, se encontra nos jornais.

No velho sobradão em que residia, tinha o gosto de colecionar papéis do interesse de sua especialização cultural. Dilacerava livros que adquiria, reunindo os capítulos que lhe interessavam em pacotes que, com o decorrer do tempo, foram se avolumando na unidade com que ele os classificava, segundo os critérios pessoais de singular curiosidade.

A bibliografia de Ruben Almeida não é extensa. A tese para a obtenção da cátedra no Liceu versa sobre *Raízes e radicais gregos existentes no Português*. Na Faculdade de Direito, para o provimento da Cadeira de Direito Civil, apresentou duas teses: *O índio brasileiro em face da legislação e Investigação de paternidade - argumentos que a justificam e a repelem*. Destacam-se ainda *Palestra sobre Henriques Leal e presidencialismo e Parlamentarismo*. Nas páginas da *Revista de Geografia e História* estampou *A contribuição dos Antoninos* para a História do Maranhão, e, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*, publicou *Gaspar de Sousa no Maranhão*.

O mapeamento bibliográfico de Ruben Almeida não se esgota nas referências indicadas, mas se pode dizer que a atividade de professor reduziu a produção do escritor, do historiador e do geógrafo. E foi pena que isso acontecesse Mário Meireles, que muito o conheceu, tem juízo consagrador para Ruben Almeida: Ele sabia de tudo; era como que a história viva da cidade, a reencarnação de cada um e de todos os nossos cronistas.

No plano das recordações que guardo de Ruben Almeida, a de meu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão foi a que teve o condão de me transformar em seu amigo. Retenho na memória sua imagem, lendo no Museu Histórico e Artístico do Maranhão o discurso com que me recebeu na Cadeira patroneada por Sotero dos Reis. No dia imediato, surge ele na minha sala de trabalho, levando à mão a edição *princeps* do livro *Crítica e Literatura*, de R.A. da Rocha Lima, editado em 1878, no Maranhão, pela *Tipografia do País*, que me presenteou com carinhosa dedicatória.

Anos depois, quando a Secretaria da Cultura editou o livro *Poesia, Prosa e Iconografia*, farta colheita do que o mestre deixou disperso em opúsculos, jornais e revistas, tive a oportunidade de traçar-lhe o perfil, realçando as muitas qualidades do homem e do escritor. Nessa solenidade, também realizada no Museu, enfoquei a atualidade do seu trabalho sobre *O índio brasileiro em face da legislação*, destacando: *A tese jurídica sobre o Índio - ainda hoje vítima de odiosa espoliação das classes possidentes, chamadas panfletariamente de "grileiros" - resulta de meditadas releituras, aquecida em metodologia crítica, ainda agora defensável. Esse estudo percuciente é judicativo do preito amoroso que dedicou Ruben Almeida ao indigenato nacional e ressalta, por igual, a vertente mais acariciante da sua formação humanística.*

Mestre Ruben Almeida ficará na história do Maranhão como um dos mais ardentes cronistas de São Luís.

## **O Antecessor**

A questão geracional vem despertando interesse a quantos, preocupados com estudo esquemático ou cronológico, desejam detectar a influência precursora, continuadora ou decisiva de determinado grupo de artistas em certo período da história. Vêm de dois grandes de Espanha os estudos básicos desse tema que estou abordando: *En torno a Galileo*, de Ortega y Gasset, de 1933, e *El*

*método histórico de las generationes*, de Julián Marias, de 1949. O mestre de *Meditaciones del Quijote*, que tem a primazia dos estudos das gerações em língua espanhola, àqueles que defendem a engenhosa observação de que todos os dias nascem homens e, portanto, é falacioso o conceito de idade e arbitrário o de geração, opõe contundente afirmativa a esse ponto de vista, acentuando: *A idade, pois, não é uma data, mas uma zona de datas, e têm a mesma idade, vital e historicamente, não só os que nascem num mesmo ano, mas os que nascem dentro de uma zona de datas*. Conclui-se, pois, que idade não é data, nem se mede segundo a cronologia do tempo cósmico, quando se quer apená-la no intrincado problema do ciclo geracional. A idade, ficou claro, é zona de datas, segundo Odega y Gasset. Foi arrimado nas conclusões deste mestre que Julián Marías chegou à evidência de que *uma geração é o conjunto de homens nascidos numa "zona de datas" de quinze anos*.

No atraente estudo orteguiano destacam-se os aspectos da coetaneidade e contemporaneidade; comunidade de tempo e comunidade espacial. Na análise de Julián Marias, no tocante à escala de gerações, é interessante enfatizar a renição das gerações, a geração sobrevivente, geração augusta, geração cesárea, geração ascendente e geração juvenil.

Entre nós, o *Grupo Maranhense* é a geração mais esplendorosa de nossa vida literária. Os seus principais integrantes podem ser vistos na Palmeira Centenária do Largo dos Remédios. Gonçalves Dias surge do fuste de sua palmeira de pedra portuguesa, tendo como companheiros João Lisboa, Odorico Mendes, Sotero dos Reis e Gomes de Sousa, que saltam de cada face dos medalhões do plinto do monumento que representa o reconhecimento nacional a essa plêiade de homens de letras. José Veríssimo acentou na sua *História da Literatura Brasileira* a coexistência simultânea desse famoso grupo geracional maranhense: *A idéia feliz da associação destes nomes na justa homenagem que ao máximo de seus filhos prestava a sua terra natal, comemora a coexistência simultânea nesse mesmo torrão brasileiro de um grupo de intelectuais, como ora dizemos, que por mal dela o nosso*

jamais se repetiria. Console-se o Maranhão, também a Atenas, que lhe deram por antonomástico, nunca jamais lhe voltou o tempo de Péricles.

No Maranhão se podem apontar ainda vários ciclos geracionais definidos em nossa literatura, Jomar Moraes, nos *Apontamentos de Literatura Maranhense*, indica o período de 1870/1890 como de um efervescente e vigoroso sopro renovador. Nessa curva geracional destacam-se: Celso Magalhães, Teóphilo Dias, Adelino Fontoura, Arthur e Aluísio Azevedo, Raimundo Correia, Coelho Neto e Graça Aranha, além de outras figuras menores.

A geração seguinte é a *d'Os Novos Atenienses* que alcança o período de 1899/1930E e tem como figuras preeminentes Antônio Lobo (fundador da Academia Maranhense de Letras), Fran Paxeco, Maranhão Sobrinho, Domingos Barbosa, Nascimento Moraes, Viriato Corrêa, Vespesiano Ramos, Corrêa de Araújo e Humberto de Campos.

Não tenho o propósito de desfiar com rigor seqüencial os nomes que compõem cada um dos ciclos das gerações da Literatura Maranhense, sejam eles autores de renome ou figuras menos expressivas. O que pretendo é seguir a orientação de Orega y Gasset, segundo o qual *o decisivo na vida das gerações não é que se sucedem, mas que se cruzam ou se enlaçam*. Há, pois, um incessante movimento de gerações, cada uma concentrando em si as conquistas das gerações anteriores. Cada geração é depositária da conquista da geração que a antecede.

Abre-se a cortina do século XX com a fundação da *Oficina dos Novos*, a 28 de julho de 1900. Os *Novos*, periódico da sociedade, tenta propiciar a emulação, mas logo chegaria a cisão. Surge A Renascença Literária que editaria a folha A Renascença. A Oficina dos Novos reorganiza-se e continua a influenciar o meio literário São-Luisense até 1908. Jomar Moraes, nos seus *Apontamentos de Literatura Maranhense*, dá a dimensão dessa sociedade literária: *Indubitavelmente a Oficina dos Novos foi nesse período de grande efervescência intelectual, a sociedade literária mais importante até 1908, quando de seu núcleo e até como extensão de si mesma foi*



*fundada a Academia Maranhense de Letras, órgão cultural a que, por seu caráter de permanência, estaria reservado relevante papel na história de nossa cultura.*

Como é natural, os novos sucedem aos velhos. Mas, vez que outra, os novos vão à frente dos velhos. A partir de 1902 começa a ceifa implacável com a partida de Sousândrade, seguido de Arthur Azevedo, em 1908. Em 1911 morre Raimundo Correia, e Maranhão Sobrinho o segue, em 1915. Antônio Lobo e Vespesiano Ramos aumentam o número de óbitos, em 1916.

Com a trágica morte de Antônio Lobo perde São Luís a sua mais vigorosa liderança cultural. Com sua morte lamentável, Domingos Perdigão e Fran Paxeco estimularam a fundação da *Legião dos Atenienses*, em 1920, que aglutinou várias sociedades culturais, entre as quais saliento a *Sociedade Barão do Rio Branco* a cujas fileiras pertenceu Ruben Almeida, e a *União Estudantil Silvio Romero*, que levantou, segundo informação de Clóvis Ramos, no Largo de Santo Antônio, a herma de Antônio Lobo, em frente à casa em que ele residiu.

Os registros das associações literárias de 1930 são efêmeros: *Academia dos Novos e Academia de Letras do Maranhão*, surgida da dissidência da primeira.

O Cenáculo Graça Aranha surge em São Luís, em 1931, por inspiração de Antônio Lopes a um grupo de jovens maranhenses, para homenagear a memória do autor de *Canaã*, quando chegou a São Luís a notícia de sua morte, integravam o *Cenáculo Graça Aranha*: Josué Montello, Franklin de Oliveira, Antônio de Oliveira, Corrêa da Silva, Manoel Caetano Bandeira de Meno, Erasmo Dias, Osvaldino Marques e João Alexandre Viégas Netto, Viégas Netto como ficou conhecido o meu *antecessor na Cadeira 29* desta casa.

Josué Montello alinhou em sua *novela Duas vezes perdida* os nomes dos companheiros de geração, alunos do Liceu, que viviam ao redor de Mata Roma, Arimatéia Cisne e, sobretudo, de Antônio Lopes, em uma das mesas do *Cafê Excelsior*, no Largo do

Carmo. São eles: Benedito Barros, Bandeira de Mello, Barros Silva, Sebastião Correia, Durval Paraíso, Corrêa da Silva, Antônio Oliveira, Ribamar Costa, Amorim Parga e Antônio Dino. A esse tempo Viégas Netto já teria partido com a família para São Paulo? É possível, pois morava na Rua das Hortas, não muito distante de Josué Montello, que residia na Rua dos Remédios.

Essa geração do Cenáculo Graça Aranha ficou marcada pela dispersão dos que, longe do marasmo provinciano de São Luís, desejavam destino mais largo no Rio ou em São Paulo. Mas ficou em São Luís, fincado como sólido mourão, Erasmo Dias. Ele foi traço-de-união entre gerações, abrindo perspectivas para os mais novos, descortinando os horizontes com suas *Páginas de Crítica*. Foi Erasmo que nos trouxe Hemingway, Steinbeck, Romain Ronand, Joseph Conrad, Trostsky, Aldous Huxley, James Joyce, Maximo Gorki, Thomas Mann, Proust e Gide. Erasmo Dias viveu nesta Ilha com os mil talentos de que era dotado e também com os demônios que o cercavam, e que lhe davam uma dimensão singular., na estóica solidão e penúria dos Apicuns.

Erasmo Dias é um marco em sua geração. Aqui ficou abrindo seu caminho nos jornais, nos discursos políticos na Assembléia Legislativa e nos bares, curtindo a boemia que o acompanhou sempre. Mesmo assim, não se rendeu ao provincianismo acomodaticio da terra. Ao contrário, disseminou nas páginas dos periódicos, com feição metodológica, as novidades literárias do Velho e do Novo Mundo.

Do arcano do tempo *Maria Arcângela* grita Erasmo Dias, reivindicando a perenidade do nome de seu criador.

No balanço dos nomes dessa expressiva geração, Josué Montello é a figura primacial pela saga romanesca que reuniu em seus livros. Franklin de Oliveira, em estudo exemplar que leva o nome do romancista maranhense, o indica, debaixo do crivo analítico seguro, como continuador e renovador da saga de São Luís do Maranhão, fundada por Aluísio Azevedo, destacando que o autor de *Os degraus do paraíso confere nova dimensão ao conceito de realismo, quando privilegia na canônica da mimesis, a sub-*

*jetividade humana*. Outro nome impressionante desse grupo do Cenáculo Graça Aranha é Franklin de Oliveira, cuja prosa de exuberante erudição já invadiu os largos territórios da música, da Literatura e dos problemas culturais brasileiros. Exemplo do seu ensaísmo ele nos dá com *A Fantasia Exata; Viola d'Amore, Literatura e Civilização e Euclides: A espada e a letra*, Oswaldino Marques, poeta, tradutor de mestres ingleses, é nome que ganhou estima pública de dimensão nacional pelo rigor exegético dos ensaios trabalhados dentro do eixo diacrônico e do corte sincrônico, penetrando a textura verbal para extrair desse processo diferenciante as veredas mágicas do texto. A inspeção interpretativa exposta nos ensaios que apresenta Oswaldino Marques à comunidade cultural permite a quem o estude uma fantástica viagem de circunavegação pelas leituras de variadas literaturas, as quais às vezes se encontram estratificadas no seu método exigente. Só o livro *O laboratório poético de Cassiano Ricardo* dá a dimensão desse crítico maranhense. Já deu à estampa farta bibliografia da qual destacamos estes títulos: *Poemas quase dissolutos; Cravo bem temperado; Usina do sonho; A seta e o alvo e Cantos de Walt Whitman*.

Alinho ainda o nome de Manoel Caetano Bandeira de Meno como poeta destacado da geração do Cenáculo *Graça Aranha*. Cedo partiu para o Rio e aos vinte anos já colaborava no semanário de letras *Dom Casmurro*, ao atempo em que foi dirigido por Brício de Abreu e Álvaro Moreyra. Foi tradutor das agências Havas, Reuter e Agência Nacional, durante a Segunda Guerra Mundial. Seu primeiro livro foi *A Viagem humana*. Depois editou *O Mergulhador*, em 1963. *Canções da morte e do amor* é seu livro mais festejado. Adonias Filho diz que *Os grandes temas da grande poesia - a morte e o amor - encontram em Manoel Caetano Bandeira de Meno a ressonância que prova uma humanidade sofrida em seu verso reflexivo, lógico e medido*.

Viégas Netto é de 1918. Iniciou os estudos em São Luís, no Grupo Escolar Nina Rodrigues, onde cursou todo o primário. O curso ginasial dividiu entre o *Liceu Maranhense* e *Ateneu Teixeira Mendes*, e o *Instituto Cesário Mota*, de Campinas, e *Ginásio Oswaldo*

Cruz, de São Paulo. Frequentou o pré-jurídico na esperança de se tomar bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo.

O *Cenáculo Graça Aranha* marcou-lhe o espírito, Em *A Última Esperança*, seu primeiro livro lançado no Maranhão, em 1978, em co-edição SIOGE, Revista dos Tribunais e Edibra, inclui o autor nota biográfica relacionada com o Cenáculo criado por inspiração de Antônio Lopes. No livro *Velhos Retratos*, lançado em São Luís, 1978, com a mesma co-edição do livro anterior, Viégas Netto o dedica a Amorin Parga, Antônio Dino, Argeu Ramos, Barros da Silva, Caetano Martins Jorge, Correa da Silva, José A. Rego e Ulisses Costa Fernandes, não esqueceu o nome do mestre que nos amparou com seus conselhos e nos reuniu com a sua bondade - Antônio Lopes.

Pode-se dizer sem eiva de exagero que Viégas Netto foi aculturado em São Paulo, mas nunca perdeu de vista seu Maranhão. Em *O mito e o sagrado no cotidiano*, um dos capítulos do livro *Velhos Retratos*, tem uma passagem rociada de saudade dos primeiros mestres: *Qual de nós não teve, na vida, o seu Mr. Chips que, às vezes, me lembra esse meu fabuloso professor Colombo, a despeito de suas irreverências e suas anedotas picantes em aula? O meu Mr. Chips foi, contudo, uma mulher, a minha professora Laura Rosa, ou Violeta do Campo, como é ainda conhecida nos meios literários do Maranhão.*

Em São Paulo, integrou o *Grupo Reduto* com Mário da Silva Brito, Fernando Góes, Carlos Burlamaqui Kopke, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva e Mário Donato. Mais tarde assumiu a direção do suplemento literário do *Jornal da Manhã*, abrindo suas colunas - diz ele - *à divulgação tanto de antigos companheiros do Cenáculo, como dos do Grupo de Reduto, aos quais se juntaram nomes do prestígio de Osmar Pimentel, Ernani Silva Bruno e outros.*

A esse tempo vai se acentuando em Viégas Netto a inclinação para o jornalismo, profissão que o empolgou daí para frente e para a qual estava adestrado, como se pode medir pela colaboração que deu por 4 anos aos jornais de São Paulo - *Jornal da*

*Manbã e A Noite* - quer como redator ou crítico literário. Felizmente, pôde Viégas Netto reunir na unidade *de Velhos Retratos* a amostra selecionada dessa colaboração, a que acresceu dois estudos em 1978, quando, já estava devolvido aos ares do Maranhão, No Rio, secretariou o jornal *Diretrizes*. De volta a São Paulo, esse judeu errante maranhense se torna correspondente para a América Latina da *Overseas News Agency*. Mas, aos poucos, o rádio e a televisão vão exercendo fascínio em Viégas Netto. Foi com a montagem do programa político Preto no Branco na TV-Record, que ganhou fama, que passou a conviver com o mundo político. A fama, ou melhor, a popularidade havia chagado para ele. Mas chegariam também as inimizades. Fernando Góes, da Academia paulista de Letras, testemunha esse período da vida do meu antecessor nesta Casa: *Viégas Netto, solicitado pelo jornalismo político, onde durante muito tempo luziu como astro de primeira grandeza, na imprensa e na televisão, abandonou suas amadas letras*. Nesse período, conciliava as atividades do telejornalismo como as de professor de Português e Latim. Na primeira vez que me visitou na sala em que trabalho, na Rua da Paz, repetiu esse fato. para demonstrar minha alegria com sua recente permanência em São Luís e, ao mesmo tempo, desconfiando de que não tivesse estudos regulares de latim, disse-lhe, para sua surpresa: traduz, rápido, esta frase - *summan laetitiam ex tuo reditu capio*. E Viégas Netto, embatucado, fez a versão: *experimento grandessíssimo* prazer pela tua volta. Em seguida acrescentou que agradecia a argúcia da frase, que revelou meus sentimentos de amizade para com ele, e que lhe valeu como *beau geste*. Como era cioso do que sabia, foi à forra, dizendo-me que a frase traduzida consta como um dos exemplos do tópico *complemento de origem da Gramática Latina* do Padre João Ravizza, cujo prefácio foi escrito por Rui Barbosa. Assegurou-me que possuía um exemplar adquirido do Professor Arimatéia Cisne, cearense da Ribeira do Acaraú. Com esse episódio, Viégas Netto ficou aprovado no meu teste. Se não era latinista de fôlego, deu provas, contudo, de que estudou esse idioma em prestante gramática.

Foi em várias dessas visitas à sala da Assessoria da Companhia Docas do Maranhão para beber café, para levar maços de cigarros *Minister* quando andava de cobres vasqueiros, para dar um dedo de prosa amena, que fui conhecendo a biografia desse príncipe da grã-ventura. Assim, sei que emprestou seu talento à reforma da Secretaria do Trabalho do Estado de São Paulo, ao tempo do Governo do Professor Carvalho Pinto. Chefiou a delegação brasileira ao Iº Seminário Interamericano de Administração do Trabalho, em Lima, em 1960, em que teve destacada participação. No Governo Jânio Quadros, participou da Comissão de Incentivo à Iniciativa Privada de Brasília, durante a gestão Paulo de Tarso. Não dispensava nas conversas acentuar, vaidosamente, o fascínio que exercia nas mulheres por este mundão de Deus. Na festa dos 350 anos da fundação da Cidade de São Luís, desfilou nos salões do Palácio dos Leões de casaca, causando - dizia ele, regalado - um frisson entre as belas conterrâneas, aturdidadas com a aparição daquele Narciso maranhense. Em fins de 1977 voltou ao Maranhão de mala e cuia, como antes havia voltado o velho Franklin Viégas, seu pai e presença enternecida em toda sua vida. Vi, diante de sua mesa de trabalho, um retrato do jovem Franklin Viégas, com beca e capelo, na data de sua graduação na Escola Agrônômica de Piracicaba. Quando o visitei, certa feita, em uma das casas em que residiu no bairro de São Francisco, revolveu velhos papéis para ler cartas do pai e para me mostrar o talhe da letra de calígrafo do avô João Alexandre.

No início de 1988, Jomar Moraes, diretor do SIOGE, telefonou-me para que desse um salto urgente àquela autarquia, a fim de conhecer o Príncipe de São Tomé. Mal chego ao gabinete do Diretor, sou apresentado ao "estranja" que desfiou seus títulos; *Viégas Netto, Príncipe de São Tomé, filho do Dr. Franklin, neto de Dona Binoca, bisneto de Dona Mariana*. Na mesma toada, como se fosse desafio de cantadores, repeti o pomposo alexandrino do meu nome, acrescentando: *ex-senador do Império, senhor das terras baixas da bicentenária Vila Distinta e Real de Sobral, às margens do Rio Acaraú, às suas ordens, meu Senhor*. Para sagrar o encontro, de que também participou o poeta José Chagas, Jomar

mandou servir uma bandeja de taças com leite gelado. Viégas Netto logo acentuou esta tirada: *vou beber por delicadeza ao Jomar, Chagas e MontAlverne Frota, mas juro que leite não bebo desde que deixei de mamar. A minha água, saibam logo, é o scotch, do bom importado, selo preto e, sobretudo, quando é oferecido copiosamente por fraternos amigos como os que aqui se encontram.* Atirou uma lança em África! Mas a verdade é que a todos cativava, com a fleuma, com o charme de sua conversa. Ele era um grão-vizir guloso de amigos mais para servir-se do que para servir. Servir, repito, seus pequenos caprichos de homem bem-nascido, criado entre os avós, cercado da famulagem. Mas era ameno, afável. Mitômano, inclusive. Detentor de legenda genealógica insuperável, capaz de ilustrar o *Almanaque Gotha*, como já ilustrara o livro do Pe. Coelho de Souza, da Companhia de Jesus, *Famílias Maranhenses*.

Na década de 80, Viégas Netto era um fagueiro sessentão, dividindo sua vida na redescoberta de São Luís e rápidas visitas a São Paulo. Expunha nas ruas desta Ilha a vaidade do seu guarda-roupa paulista, renovado a cada ano, composto de ternos de elegantes cortes e de combinados discretos, realçados pelos coletes, gravatas italianas, sapatos de duas cores. Nele, as roupas bem cerzidas ganhavam destaque pela elegância do corpo esguio, pelo andar desempenado, pelas mãos com unhas polidas. Nesses anos andou fascinado por São José de Ribamar. Depois foi o período de Alcântara, Mas, ainda que rendido ao Maranhão, não esquecia São Paulo. Conduzia um e outro na alma. Durante o período das longas temporadas alcantarenses, escreveu *O Sobrado*, romance com feição de reportagem, que depois andou polindo a meu conselho e de José Chagas, mas o texto continua inédito. Creio que incumbe à Academia Maranhense de Letras publicar esse romance e reunir também na unidade de um livro os ensaios que publicou em vários tempos no jornal *O Estado do Maranhão*. Viégas Netto já havia escolhido o título: *Seara Interrompida*, como escreveu ele em um envelope quando lhe entreguei toda a série publicada.

Viégas Netto tinha propósito definido para executar em São Luís. Pretendia voltar-se para as letras, tomar-se escritor de livro

publicado, retomar ao fascínio do jornalismo. Tudo isso seria coroado com o ingresso na Academia Maranhense de Letras, onde afinal iria aumentar o núcleo do *Cenáculo Graça* Aranha. Mal chega a São Luís, começa a executar seu projeto, recolhendo os velhos ensaios que escreveu em jornais de São Paulo, reunindo-os após, com o selo editorial do SIOGE, na unidade de Velhos Retratos, lançado em setembro de 1978, juntamente com *A Última Esperança*. Tentou candidatar-se à vaga deixada por Pedro Braga Filho, na Cadeira 39, mas recolheu o desejo quando o Professor Pedro Neiva de Santana se inscreveu, cercado da estima da comunidade e dos aplausos e votos dos acadêmicos que o elegeram. Viégas Netto não desiste e, a 20 de setembro de 1979, toma-se o sucessor de Ruben Ribeiro de Almeida, na Cadeira N.º 29. A luta foi grande, não foram poucas as injustas resistências. Do alto desta tribuna, a 23 de novembro de 1979, data em que se investiu na imortalidade acadêmica, recordou os momentos difíceis que atravessou, sem esquecer de exaltar a fidelidade de três inseparáveis amigos. Aduz Viégas Netto: *Eis-me, porém, aqui reintegrado em minha maranhensidade, após tão longos anos de vivência em São Paulo, onde formei meu espírito, me nasceram os filhos e que, assim, permanece em minha alma do mesmo modo que, durante todo esse tempo, São Luís continuaria inteira em meu coração. Encontrei, para tanto, a luminosa e fraternal ajuda de alguns conterrâneos, entre os quais desejo destacar os nomes de Jomar Moraes, José Chagas e Mont'Alverne Frota, maranhense por nascimento ou por eleição que é a forma mais violenta e profunda de ser maranhense. Foram, na verdade, eles que me devolveram às minhas origens, guiando-me pelos caminhos - e, por vezes, penosíssimos caminhos - da reintegração, orientando-me com sua palavra sabia e seu gesto amigo para que eu não tropeçasse nas pedras que por aí haviam deixado. Sofreram comigo o amargor da injustiça, lutaram comigo na hora da peleja e aqui se acham ao meu lado nesta hora de louros, porque a minha festa é a festa deles também.*

O grande desejo de Viégas Netto era publicar *O bacharel e a casa grande*, livro sobre a formação social do Maranhão. Muitas



vezes o deixei à porta da *Bibliotecas Pública Benedito Leite*, onde ele ia ler, já com a vista erodida, velhos jornais. Quando Gilberto Freyre esteve nesta Academia, após a conferência do mestre de *Casa Grande e Senzala*, Viégas Netto combinou um encontro em Apipucos, ocasião em que levaria os originais do livro em que estava trabalhando para que o pernambucano ilustre escrevesse a apresentação. Creia que não chegou a escrever o texto definitivo, ficou no estágio da pesquisa, das anotações.

Jantando com Viégas Netto em seu apartamento, em São Paulo, levou-me ele à sua biblioteca reduzida, mas que demonstrava gosto apurado pelos bons autores nacionais e franceses. Mostrou-me alguns livros, inclusive o único exemplar de seu livro de poemas *Canções do absoluto*, dedicado à mulher.

O último livro que publicou meu antecessor nesta Casa de Antônio Lobo foi *o Drama da Democracia e os Partidos Políticos*, cuja capa foi desenhada pelo autor, com a lupa na mão, tão deficiente estava a essa época sua visão. O livro foi editado pelo SIOGE e lançado em fevereiro de 1980. Com essa publicação, Viégas Netto dá a exata dimensão do embasamento teórico da matéria política abordada, com boa indicação bibliográfica, trazida como arrimo da exposição. No prólogo acentua que foi para atender a pedido do Professor João Cruz Costa, da Universidade de São Paulo, que, muitos anos depois, escreveu o livro, com base em curso ministrado anteriormente em São Paulo, subordinado ao tema *Teoria e prática da democracia no Brasil*, quando atendeu a solicitação do Presidente da Associação Cristã dos Moços, Professor Nilo Amaral, também integrante da Universidade de São Paulo.

Viégas Netto integrou, por dois mandatos consecutivos, o Conselho Estadual de Cultura, onde, mesmo resistindo em ser o mais velho de nós, exercia a presidência eventual do colegiado, por ser o decano. Integrou a representação do órgão no II Encontro Nacional de Conselhos de Cultura, realizado em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul.

João Alexandre Viégas Netto viveu com o coração dividido entre São Paulo e São Luís. A terra natal deu-lhe na velhice a

ambiência para escrever e publicar livros e reatar o compromisso vocacional de jornalista. Aqui ganhou amigos dedicados. Aqui sofreu as estocadas de ataques injustos, repelidos com altivez. Aqui desfrutou do ameno convívio acadêmico. Aqui foi conselheiro de Cultura. Aqui sofreu a solidão que sofre o estrangeiro em terra alheia. Aqui desceu aos infernos do sofrimento causado pelo acidente que o prendeu ao uso das muletas e da cadeira de rodas. Mas, pelo grande amor que sempre teve a São Luís, quis aqui ficar para sempre, até dissolver-se na terra maranhense, levando o inconfessável segredo de seu drama pessoal!

Quando neste salão o vi inerte no caixão em que jazia com o rosto desfigurado, cercado pelos brandões acesos, repassei naquela hora de consternação os dias felizes de Viégas Netto e veio ao lume de minha memória sua imagem *de Belo Brummell*, quando estive em minha casa pela última vez no dia em que lhe ofereci um almoço. Parece que o vejo com uma taça na mão expondo as variedades de *cocktails*, de *sours*, de *punches*, de vinhos e licores, pois conhecia os segredos da *ars bibendi*, investindo-se da autoridade de drinkoterapeuta, na busca de justificar o hábito diário da dose de *scotch*. Era um *salonnard*. Sentava-se à mesa com elegância, servindo-se modernamente das viandas e dos mariscos. Pegava o cristal corretamente para embocar o vinho rutilante. Escolhia assuntos agradáveis, referindo-se às catedrais que conhecia, aos teatros onde ouvia música erudita. Já “alegre”, falava com galanteria das mulheres, da beleza e da ardência de muitas delas, como se fosse um dos integrantes do quadro *Los Borrachos* de Velasquez. É assim, no esplendor do viver, que o recorde na hora em que faço o elogio do amigo dileto e do jornalista que honrou esta Academia de Letras.

## A Chegada

Agradeço a presença das altas autoridades do Estado que prestigiaram esta solenidade acadêmica.

Divido com tantos amigos que aqui estão e puderam vir as alegrias desta noite de minha estréia como membro efetivo da Academia Maranhense de Letras.

Senhor acadêmico José Chagas, agradeço o discurso que vou ouvir. É a fala de um maranhense da Paraíba recebendo um maranhense do Ceará. A maranhensidade adotiva que nos irmana, ao lado da mútua estima, impediu-me de vos enviar a carta pedindo o voto para a eleição que me conduziu a esta Casa, mas não foi capaz de evitar o convite para o discurso que vou ouvir regalado, pois também venho de *tempos duros, de espaços secos e de caminhos áridos*.

Dizia Romain Rolland que a primeira coisa da vida é cumprir o dever. Espero em Deus bem cumprir meus deveres acadêmicos, pois chego para trabalhar. E com esse firme propósito que recebo a unção nesta noite.

Nesta hora, ouço a voz de Camus no notável discurso pronunciado na Câmara Municipal de Estocolmo, como diretriz para minha geração também: Sem dúvida que cada geração se supõe voltada a refazer o mundo. A minha sabe, contudo, que não o refará. Mas a sua tarefa talvez seja maior. Consiste ela em impedir que o mundo se desfaça.

Não faltarei à Academia Maranhense de Letras. Repito o dito roseano como síntese do nosso ajuste mútuo, que antevejo promissor: Acho que nós dois éramos mesmo pertencentes.

## Nota

### **Francisco Marialva Mont'Alverne Frota**

Nasceu em Sobral-CE, a 23 de setembro de 1941. Em sua cidade natal estudou sucessivamente, no Educandário São José, no Seminário Diocesano São José, e no Colégio Sobralense. Transferindo-se para Fortaleza, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, por onde se bacharelou em 1966 e concluiu curso de pós-graduação em 1968. No Ceará exerceu as funções de professor titular da Faculdade de Ciências Contábeis e da Faculdade de Engenharia Operacional, ambas da Universidade Estadual do Vale do Acaraú, sediada em Sobral. Também foi procurador da Companhia Docas do Ceará, no período de 1969 a 1971. Radicado em São Luís desde 1974, ano em que foi instituída a CODOMAR - Companhia Docas do Maranhão, e da qual se tomou procurador. E professor de Direito Administrativo da Universidade Estadual do Maranhão. Membro fundador da seção maranhense do Instituto brasileiro de Direito Processual Civil (1977) e do Instituto dos Advogados do Maranhão (1980); sócio do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional (eleito em 15. 10. 1980); integrou em quatro biênios sucessivos (1981-88), o Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção do Maranhão. Também pertenceu ao Conselho Estadual de Cultura do Maranhão, de 1982 a 1991. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, ali ocupando a Cadeira N.º 48, patroneada por Sotero dos Reis. Agraciado com a Medalha do Mérito Timbira, do Governo do Maranhão; com a Medalha João Lisboa do Mérito Cultural, do Conselho Estadual de Cultura do Maranhão; com a Ordem dos Timbira (grau de oficial) e com a Medalha do I Centenário de Fundação do Instituto do Ceará. Eleito para a Academia Maranhense de Letras em 9 de maio de 1991 e empossado em 20 de setembro do mesmo ano.

## Bibliografia

*O Ariel do Porto do Itaqui*, São Luís, 1976; *Sousândrade: o último périplo*. São Luís, Sioge, 1977; *Entre o timbira e o pastor serrano*. São Luis, Sioge, 1978, *Dêsde s Ribeira até a Ilha*. São Luís, Sioge, 1979; *Um caminho luminoso; 50 anos de Rotary Clube de São Luís*. São Luís, Sioge, 1981; *Memorial da saudade*. São Luís, 1982. Tem inéditos os *livros A senhora do mosteiro, Ensaio gonçalvino e O rio da memória*.